

O IMAGINÁRIO URBANO NA IMPRENSA DE GOIÂNIA NAS DÉCADAS DE 1930 A 1940

Urban imaginary in the Goiânia press in the decades from 1930 to 1940

Sueli Souza de Oliveira Soares
Universidade Federal de Goiás - UFG

Valéria Cristina Pereira da Silva
Universidade Federal de Goiás - UFG

RESUMO

A história da concepção de Goiânia, capital do estado de Goiás, é marcada por forte representação que evoca o imaginário urbano. Fruto do pensamento do arquiteto Atílio Correa Lima e do empenho político de Pedro Ludovico Teixeira, a cidade nasceu como símbolo da modernidade em pleno sertão brasileiro, em meio a um horizonte pautado por amplas transformações e rumos políticos, econômicos e socioculturais, no início do século XX, onde o discurso dominante era o de progresso. Este trabalho busca compreender de que forma procedeu a construção desse imaginário urbano de Goiânia. Para tanto, será feita uma reflexão, à luz da Geografia Humanista, sobre a imagem da cidade gerada pelo plano urbanístico e pelos primeiros edifícios e sua relação com as matérias jornalísticas veiculadas na imprensa entre as décadas de 1930 a 1940. A análise revelou um tom apaixonado nos discursos, carregados de simbolismo, sentidos, subjetividade e romantismo, onde era feita uma exaltação a jovem capital, destacando seus atributos expressos na paisagem urbana. A imprensa de Goiânia teve um papel crucial na construção do imaginário urbano de Goiânia. As matérias jornalísticas evidenciaram que a criação da cidade se efetivou como uma transposição de sentidos e de significados, num jogo simbólico, que construiu a imagem e o imaginário urbano.

Palavras-chaves: Plano urbanístico; Imprensa; Imaginário urbano.

ABSTRACT

The history of the conception of Goiânia, capital of the state of Goiás, is marked by strong representation that evokes urban imagery. Fruit of the thought of architect Atílio Correa Lima and the political commitment of Pedro Ludovico Teixeira, the city was born as a symbol of modernity in the heart of the Brazilian hinterland, amidst a horizon marked by broad transformations and political, economic and sociocultural directions, in the beginning of the 20th century, where the dominant discourse was that of progress. This work seeks to understand how the construction of this urban imaginary of Goiânia proceeded. To this end, a reflection will be made, in the light of Humanist Geography, on the image of the city generated by the urban plan and the first buildings and its relationship with the journalistic articles published in the press between the 1930s and 1940s. The analysis revealed a passionate tone in the speeches, full of symbolism, meanings, subjectivity and romanticism, where the young capital was glorified, highlighting its attributes expressed in the urban landscape. The Goiânia press played a crucial role in the construction of Goiânia's urban imagination. The journalistic articles showed that the creation of the city took place as a transposition of meanings and meanings, in a symbolic game, which built the urban image and imaginary.

Keywords: Urban plan; Press; Urban imaginary.

INTRODUÇÃO

Goiânia, cidade planejada na década de 1930 para ser a capital do estado de Goiás, agrega na história da sua origem um conjunto de ideais, motivações e propósitos para além dos aspectos físicos que envolvem sua ocupação territorial. Tais ideais, motivações e propósitos ensejados por seus idealizadores e materializados no plano urbanístico se constituíram num discurso que evocava a modernidade, o desenvolvimento e o progresso para o estado de Goiás, na época considerado um dos mais atrasados do Brasil. Este discurso foi amplamente propagado pela imprensa escrita, que por meio de matérias jornalísticas e de textos literários de natureza diversa, construíram um imaginário de Goiânia como metrópole moderna, antes mesmo de a cidade existir.

O imaginário urbano, como todo imaginário, segundo a abordagem de Pesavento (2007, p. 15), “diz respeito a formas de percepção, identificação e atribuição dos significados ao mundo, o que implica dizer que se trata de representações construídas sobre a realidade – no caso, a cidade”. Neste entendimento, considera-se que o imaginário urbano de Goiânia é formado pelas imagens presentes no plano urbanístico e pela arquitetura das primeiras edificações, como objeto e por meio do discurso, como estrutura narrativa, que nos apresenta todas as nuances ideológicas referentes à concepção deste plano urbanístico.

É notório que a imprensa se coloca como um instrumento constitutivo de processos históricos, atuando na formação de um imaginário social. Como instrumento constitutivo de processos históricos, o produto da imprensa pode ser considerado um documento histórico. Esta afirmativa encontra ressonância nas explicações de Le Goff (2003), quando o autor enuncia que os documentos, assim como os monumentos se enquadram como materiais da memória coletiva e da história; portanto, afirmam-se como um testemunho histórico escrito.

Este artigo se propõe a analisar, à luz da Geografia Humanista, a construção do imaginário urbano de Goiânia a partir de matérias jornalísticas veiculadas na imprensa da cidade nas décadas de 1930 a 1940, no contexto da gênese da cidade. Para tanto, foi elaborada, num primeiro momento, uma síntese histórica, dando-se ênfase aos aspectos simbólicos e culturais, buscando captar todos os significados, sentidos e valores do cenário estabelecido na cidade de Goiânia, a partir da sua fundação em 1933, tendo em vista tratar-se de uma cidade planejada, onde a intenção e o pensamento do autor são expressos em seu plano urbanístico. Num segundo momento, partiu-se para análise das matérias jornalísticas que versam sobre o surgimento de Goiânia, com foco na contemplação imaginativa do espaço urbano representado pelo plano urbanístico original da cidade. Foram selecionadas matérias jornalísticas e textos literários publicados em jornais e em uma revista, com sede em Goiânia e em circulação nas duas primeiras décadas de existência da cidade, que tinham o pensamento alinhado com o projeto político de Pedro Ludovico Teixeira, fundador de Goiânia, a saber: os jornais *Correio Oficial* e *Folha de Goiaz* e a revista *Oeste*.

O recorte temporal da pesquisa, década de 1930 a década de 1940, refere-se ao período de idealização, construção e consolidação do plano original da cidade elaborado por Atílio Correa Lima, alterado e ampliado posteriormente por Armando Augusto de Godoy. Trata-se de um período muito rico da historiografia goiana, seja no aspecto político, econômico, social e sobretudo, cultural, que segundo Moysés (2004) encerra no final da década de 1940. Além disso, o final da década de 1940 enuncia para a jovem capital uma nova dinâmica urbana, com registro de um crescimento populacional acelerado intensificado nas próximas décadas, acarretando um processo expressivo de metamorfose física do território de Goiânia, requerendo uma outra leitura do espaço urbano.

A análise de matérias jornalísticas produzidas sobre a cidade de Goiânia no período supracitado evidencia um desafio, o de percorrer a encruzilhada do complexo histórico, documental e literário que contorna a razão e a sensibilidade do discurso proferido pela imprensa escrita de Goiânia. Por meio da percepção de emoções, dos valores e sentimentos dados pelo viver urbano presentes na trama jornalística, contempla-se a força estética dos primeiros edifícios construídos em Goiânia, bem como do traçado do seu desenho urbano, num processo que engendra a formação da imagem e do imaginário urbano de Goiânia.

A cidade imaginária construída pelo pensamento, de acordo com Pesavento (2007, p. 14), “identifica, classifica e qualifica o traçado, a forma, o volume, as práticas, os atores desse espaço urbano, vivido e visível, permitindo que enxerguemos, vivamos e apreciemos desta ou daquela forma a realidade tangível”. Assim, as imagens da cidade são uma forma de vê-las e de vivenciá-las. E neste processo, percebemos que este espaço urbano se transforma num lugar de construção de sentido, portador de um significado, de uma memória e de uma identidade.

A Geografia Humanista se apresenta como um viés de reflexão pertinente a este estudo, pois refere-se à valorização de diversas interpretações dos lugares da cidade, com base na subjetividade e na intencionalidade, nas percepções, nos sentimentos e no simbolismo. Neste entendimento, Holzer (2008, p. 143) destaca que, “a possibilidade de construir o espaço como um mosaico de lugares que refletem vontade, valores e memória humanas”, insere-se nesta perspectiva como um dos campos de pesquisa desta geografia adotada pelos humanistas e que conduzirá o desenvolvimento deste texto.

A GÊNESE DE GOIÂNIA SOB A ÓTICA DO IMAGINÁRIO URBANO

A história da concepção de Goiânia é rica em imagens que evocam o imaginário urbano. A arquitetura das primeiras edificações e o traçado urbano do núcleo pioneiro da cidade carregam-na de sentido simbólico e de significados e ainda atestam o ideário que norteou seu processo de criação. A arquitetura e o traçado urbano, portanto, se apresentam “como aspecto mais visível e palpável do processo representativo que compõe a imagem urbana de Goiânia” (Silva, 2020, p. 364), forjada por símbolos que a conectavam a um novo modo de vida, evidenciando uma contraposição entre o rural e o urbano, a tradição e o moderno, o antigo e o novo.

Fundada em 1933, Goiânia nasce com uma missão, a de substituir a, então, capital do estado de Goiás, Cidade de Goiás, antiga Vila Boa, fundada em 1717. A convite de Pedro Ludovico Teixeira, interventor federal de Goiás, o engenheiro Armando Augusto de Godoy participa da escolha do sítio para a construção da nova capital do estado. O relatório produzido por Godoy serve de base para os trabalhos do arquiteto Atílio Corrêa Lima, especialista em Urbanismo pela Universidade de Sorbonne – Paris, que influenciado pelo urbanismo formal presente na escola francesa e imbuído de um espírito inovador sintonizado com as novas proposições do urbanismo moderno do início do século XX, elabora o projeto urbanístico de Goiânia.

Manso (2010, p.15) destaca que a antiga capital de Goiás, “com suas ruas assimétricas, sua singela feição arquitetônica, intimamente associada ao passado colonial, situada no interior de um pilão geográfico, não guardava coerência com a nova visão de mundo” esboçada nas primeiras décadas do século XX. Goiânia, por sua vez, seria a cidade nova, dinâmica, moderna, estrategicamente localizada no interior do Brasil, e romperia em todos os aspectos com o passado colonial que a imagem que a Cidade de Goiás representava, e romperia, sobretudo, com a noção de atraso que o imaginário nacional tinha sobre o estado de Goiás.

Neste contexto, onde se imbricam os aspectos políticos e os técnicos, ressalta-se que a nova capital do estado de Goiás foi concebida como símbolo da modernidade em pleno sertão brasileiro, em meio a um horizonte pautado por amplas transformações e novas definições e rumos políticos, econômicos e socioculturais pelo qual passava o estado de Goiás e o Brasil no início da década de 1930. A nível estadual, politicamente, pretendia-se romper com o controle das oligarquias dominantes da República Velha, na antiga capital do estado, e com tudo o que esta política representava. Além disso, uma mudança geográfica poderia, sobretudo, conferir ao estado um impulso econômico e sociocultural condizente com a nova conjuntura política pelo qual passava a nação. A nível federal, o momento era de conduzir o país rumo ao progresso, ao desenvolvimento e à modernidade. Para tanto, o Governo Vargas implementou uma série de medidas que visavam modernizar o Brasil por meio da integração do território brasileiro, promovendo, assim, a interiorização do país por meio da Marcha para o Oeste, sobretudo a partir da década de 1940.

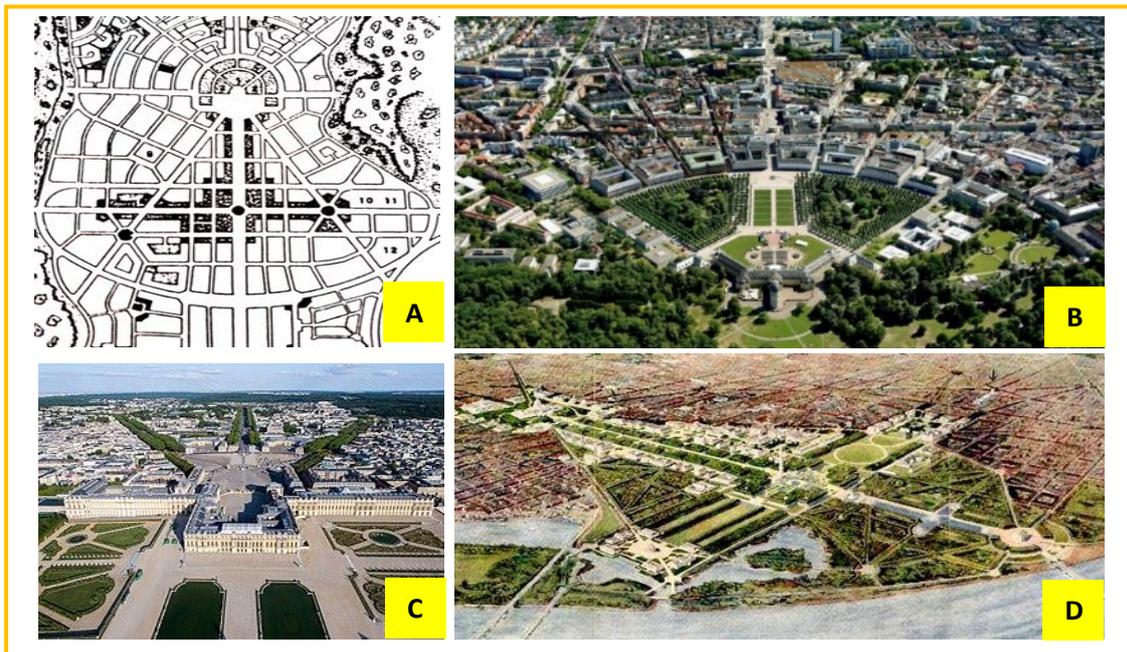
Assim, por meio desta breve contextualização histórica, ressalta-se, que tanto a arquitetura quanto o traçado urbano de Goiânia, a partir de sua referência estética, são repletos de intencionalidades, que marcam de forma emblemática, o imaginário da cidade. No relatório do Plano Diretor de Goiânia elaborado por Atílio Corrêa Lima, onde o arquiteto apresenta um resumo do seu trabalho, pode-se depreender que o plano urbanístico atribuía à cidade três atributos relevantes: monumental, pitoresco e moderno, que se relacionam aos imaginários coletivos, tornam-se referências na paisagem urbana e configuram a imagem da jovem capital.

A simbologia da aparência monumental do traçado urbanístico está, predominantemente, relacionada às questões políticas e sociais. Por meio da imponência do Centro Administrativo buscava-se uma afirmação política

que cerceava, sobretudo o antigo pensamento da República Velha difundido pelo discurso propagado pelas oligarquias, insatisfeitas com a mudança do centro de poder do estado de Goiás. Portanto, neste cenário político, era necessário que a nova capital representasse, essencialmente, uma afirmação de poder. Cabe destacar que, de acordo com o plano urbanístico original, no Centro Administrativo se concentravam todos os edifícios públicos: federais, estaduais e municipais. A partir desta estratégia projetual, Atílio propiciava ampla visibilidade e destaque ao centro de decisões políticas da cidade.

No traçado urbano do plano, as três avenidas mais importantes, as Avenidas Pedro Ludovico Teixeira (atual Avenida Goiás), Tocantins e Araguaia, convergem para o Centro Administrativo, inserido numa grande praça, denominada Praça Cívica, ressaltando o caráter governamental e cívico da cidade. No Relatório do Plano Diretor de Goiânia (IBGE, 1942), Atílio Corrêa Lima declara sua intenção em atribuir um efeito monumental e nobre ao traçado urbano. Ele aponta o partido clássico de Versalhes, na França (1634), de Karlsruhe, na Alemanha (1715) e de Washington D.C. nos EUA (1791), genericamente chamado de *Patte d'oie*¹, como fontes de inspiração desta faceta monumental, conforme evidenciado na figura 1.

Figura 1 - Imagens aéreas do *Patte d'oie* em Goiânia (A), Karlsruhe (B), Versalhes (C) e Washington D.C (D)



Fonte: (A) Manso (2001), (B) <https://www.schwarzwald-tourismus.info/orte/karlsruhe>, (C) https://pt.wikipedia.org/wiki/Pal%C3%A1cio_de_Versalhes, (D) <https://artchist.blogspot.com/2017/05/urbanismo>

¹ O termo francês *patte d'oie* descreve um projeto pelo qual três, quatro ou cinco ou mais estradas ou caminhos retos irradiam de um ponto central que se queria destacar, assim chamado por sua semelhança com um “pé de ganso”. Entretanto, no Brasil, admite-se a tradução para “pé de pato”, por ser uma figura mais popular. É frequentemente presente nos planos de localização dos grandes castelos franceses dos séculos XVII e XVIII, nos quais as estradas convergem para um elemento importante do eixo central.

Desta forma, Attílio enfatiza o centro administrativo como elemento urbanístico central da cidade, no qual está localizada a estaca zero do município de Goiânia, marco referencial, simbolizando o local de onde partem as decisões mais importantes para o futuro do Estado e a partir do qual se deu a expansão da cidade. A função cívica também é colocada em evidência em consonância com o simbolismo da praça, local de importantes manifestações de civismo na história de Goiânia. Esta referência urbanística rica em alegorias remete ao imaginário coletivo desta praça, influenciando práticas sociais, culturais e políticas, desenvolvidas neste espaço. Os exemplos urbanísticos citados evidenciam que a imagem urbana do traçado de Goiânia foi construída considerando os aspectos políticos e econômicos, numa narrativa elaborada por Pedro Ludovico, explorando todo o simbolismo fundamentado na técnica e na experiência urbanística de Attílio, que corroborava a favor da construção de um imaginário de cidade moderna.

Além deste aspecto monumental, Attílio estabelece no Relatório do Plano Diretor, que todas as ruas, indistintamente, deveriam ser arborizadas e as principais avenidas, ajardinadas. Segundo o arquiteto, “a Avenida Pedro Ludovico tem um caráter pitoresco e monumental constituindo uma avenida-jardim” (IBGE, 1942, p. 101). Desta forma, o aspecto pitoresco remete à questão ambiental e ecológica representada pelos *boulevards* e pelas *parkways*, pela generosa arborização e jardins das ruas, nas avenidas e praças, e na criação dos parques urbanos.

Embora não haja referência do próprio Attílio no Relatório do Plano Diretor, autores como Graeff (1985), Manso (2001), Ribeiro (2004) e Melo (2006) ressaltam no plano urbanístico de Goiânia, nitidamente, a influência dos conceitos das cidades-jardins de Ebenézer Howard dos fins do século XIX. Além disso, de acordo com o Relatório do Plano Diretor (IBGE, 1942), o Parque Botafogo era o principal e maior parque da cidade, continha caminhos em passeio natural e destinava-se à preservação da mata nativa e ao lazer da população. Sua aparência, com lagos, gramados, caminhos e densa vegetação, assemelha-se aos parques ingleses, conforme apresentado nas figuras 2 e 3.

Figura 2 - Parque em Letchworth, Inglaterra, início da década de 1900



Fonte: Disponível em: <https://www.letchworth.com/who-we-are/our-history>. Acesso: 14 out. 2023.

Figura 3 - Parque Botafogo, Goiânia, de 1938



Fonte: Disponível em: <https://www.aredacao.com.br/colunas/185596/parque-botafogo-e-recanto-de-area-verde-centro-de-goiania>. Acesso: 15 nov. 2023.

Além das ruas, avenidas e praças generosamente arborizadas, Atílio prevê no desenho da cidade, mais 02 (dois) parques urbanos além do Parque Botafogo. O arquiteto apresentou dados comparativos com outros centros urbanos do mundo e do Brasil como referências de valor, a fim de demonstrar a valorização das áreas livres de Goiânia. De acordo com dados do Relatório (IBGE, 1942), enquanto Goiânia totalizava 308 habitantes por hectare de parque ou jardim, para a cidade de *New York*, nos EUA esta mesma proporção era de 943 habitantes por hectare e a cidade de São Paulo, 1.075 habitantes por hectare de parque. Infere-se que o valor ambiental dado ao plano urbanístico imprimiu no imaginário uma cultura de habitar a cidade e se torna elemento de composição da imagem da cidade, revelando uma nova urbanidade.

Ressalta-se que a força do caráter ambiental e pitoresco atribuído por Atílio ao plano urbanístico original de Goiânia constituiu-se em parte do imaginário coletivo atual da cidade, que em 2023 completou 90 anos de existência. Expressões como “Goiânia, capital verde do Brasil” ou “Goiânia, cidade das flores e dos parques urbanos”, têm sido largamente difundidas no imaginário urbano ao longo dos anos. E a cidade orgulha-se de sua imagem e estabelece uma certa coerência entre a proposta urbanística original e com a cidade atual. Goiânia ultrapassou os limites do traçado original, contudo reproduz, de certa forma, a proposta original em seus aspectos mais significativos, sobretudo no que se refere ao caráter pitoresco.

O terceiro aspecto atribuído ao plano urbanístico de Atílio é o de cidade moderna. Este aspecto, materializado nas primeiras edificações institucionais e no mobiliário urbano da nova capital, tiveram o *Art Déco*² como símbolo e representação da modernidade almejada. Lançado oficialmente em Paris em 1925, este estilo se desenvolveu no Brasil durante as décadas de 1930 a 1950, período que coincidiu com a implantação de Goiânia.

Quando o *Art Déco* surgiu no início da década de 1920 o mundo passava por grandes mudanças tecnológicas, com utilização de novos materiais como o alumínio, vidro, aço, entre outros. Os materiais empregados para o estilo, já popularizado, eram os que poderiam ser produzidos em larga escala através da produção industrial. Desta forma, o *Art Déco* está essencialmente ligado ao conceito de modernidade, progresso e desenvolvimento, sendo, portanto, o estilo adequado para imprimir no imaginário coletivo a imagem de moderna na nova capital do Estado.

No contexto histórico da fundação da nova capital de Goiás em 1933, compartilhamos do entendimento de Ghislén (2021), que corrobora à conveniência do *Art Déco* para as primeiras edificações de Goiânia. Para a autora, a arquitetura *Art Déco* assumiu um importante papel na história ao representar o processo de modernização da paisagem urbana,

² No Brasil, dentre os exemplares da arquitetura em estilo *Art Déco* pode-se destacar a Estátua do Cristo Redentor (1931) e o prédio da Central do Brasil (1937), ambos no Rio de Janeiro e o Elevador do Lacerda (1930), na Bahia. Nos Estados Unidos, o estilo já possuía exemplares bastante representativos, como é o caso do maior conglomerado arquitetônico em estilo *Art Déco*, localizado em Miami, além do icônico *Empire State Building* (1931) e do *Rockefeller Center* (1939), ambos em Nova York - EUA.

contrapondo o vínculo do passado com novas configurações geométricas e referências ornamentais.

Visto que, a arquitetura como edificação também possa ser considerada símbolo de várias manifestações sociais, devido ao fato de as construções poderem se tornar monumentos, constitui-se, conveniente para o poder, sobretudo político, utilizar-se dela para construir ou reforçar sua imagem. Ressalta-se que a arquitetura dos edifícios públicos de Goiânia foi utilizada como signo do poder emergente do interventor em Goiás, Pedro Ludovico Teixeira, bem como do Governo de Vargas. Era na elaboração destes edifícios, que segundo Coelho (2005),

“deveria estar representada a força do poder, através da sinuosidade de determinadas linhas, do jogo de volumes e de uma imponência, que mesmo não sendo monumental em suas dimensões, pudesse sê-lo em sua caracterização” (Coelho, 2005, p. 21),

representação esta que pode ser alcançada por meio do *Art Déco*.

Destaca-se, ainda, que esses edifícios públicos são marcados por uma horizontalidade perfeitamente integrada à paisagem e à topografia da região. Além disso, possuem uma simetria perfeita, em que aparece geralmente um elemento vertical central, como que insinuando um equilíbrio, conforme figuras 4 e 5. Todas estas características constituem-se numa imagem urbana e arquitetônica novas, nunca antes vista na região, e dada sua carga simbólica, seriam capazes de provocar no imaginário a ideia de mudança, de modernidade, em oposição ao imaginário colonial consolidado nas antigas construções da região, sobretudo, na antiga capital do Estado.

Figura 4 - Estação ferroviária



Fonte: Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org>. Acesso em: 08 dez 2023.

Figura 5 - Museu Zoroastro Artiaga



Fonte: Disponível: <https://museugoianozoroastroartiaga.blogspot.com>. Acesso em: 13 dez 2023.

As figuras 6 e 7 ilustram as sedes dos governos da antiga capital do Estado e de Goiânia, respectivamente. O Palácio Conde dos Arcos (figura 6), edificação térrea em estilo barroco, foi construído, possivelmente, entre 1775 e 1779. A imagem de sua fachada juntamente com o material de pavimentação das ruas remete à arquitetura característica do período colonial. O Palácio das Esmeraldas (figura 7) por sua vez, apresenta-se como um edifício imponente de três pavimentos com uma arquitetura inovadora na região, tanto por sua fisionomia quanto pelas técnicas construtivas e materiais de construção utilizados.

Segundo Manso (2010), na visão de Attílio, autor do projeto, a nova sede do executivo goiano deveria representar a racionalidade e economia, traduzidas em uma construção sólida e que atendesse às exigências da vida moderna.

Figura 6 - Palácio Conde dos Arcos **Figura 7 - Palácio das Esmeraldas**



Fonte: <https://acervodigital.unesp.br>. Acesso em: 10 dez 2023



Fonte: <https://acervodigital.unesp.br>. Acesso em: 10 dez 2023

Assim, as características de Goiânia depreendidas do Relatório do Plano Diretor elaborado por Attílio constituem-se nos elementos que representam o ideal e os anseios do seu principal idealizador, Pedro Ludovico Teixeira, portanto, revelam-se na imagem da cidade, fruto do pensamento de Attílio. As edificações e o traçado urbano do núcleo pioneiro da cidade se transformaram em signos culturais e em patrimônio histórico³, dotados de uma mensagem e de uma historicidade, elementos orientadores da construção do imaginário urbano de Goiânia. O rico simbolismo expresso nas imagens urbanas desperta e conduz ao imaginário da cidade, fazendo com que suas representações e significações revelem sua história, sua memória e sua identidade. Tais imagens urbanas foram captadas pela imprensa escrita de Goiânia e transformadas numa narrativa jornalística e literária abordadas a seguir.

A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO URBANO A PARTIR DO DISCURSO DE MODERNIDADE

O imaginário urbano de Goiânia tem como pressuposto a combinação entre o ordenamento da cidade presente no Plano Urbanístico e o estilo *Art Déco* na arquitetura das primeiras edificações, ou seja, a atribuição de funções a cada espaço em consonância com a estética das edificações, com o objetivo de promover uma nova cultura urbana através de mudanças nas relações sociais, fazendo da cidade um agente de transformações de hábitos, costumes e mentalidades, o que resultaria em uma cidade moderna.

De acordo com Manso (2010, p. 15), “o planejamento de Goiânia legou-nos de elementos arquitetônicos de sólida fisionomia, exibindo o retrato de uma nova visão de mundo”. Artigas (1986) compreende que

³ Dada a historicidade e a relevância da arquitetura dos primeiros edifícios e do urbanismo inovador da cidade, repletos de significados, Goiânia teve 22 (vinte e dois) edifícios em *Art Déco* tombados em nível federal, estadual e municipal, bem como o traçado urbano do núcleo pioneiro de Goiânia e de Campinas.

um edifício não é um objeto do acaso. Antes de ser matéria foi pensamento e desejo. O desenho, principal elemento para se realizar um projeto, é uma palavra que tem, em sua origem, o sentido do desígnio, intenção, portanto, desejo. (Artigas, 1986, p. 45)

No caso de Goiânia, pode-se dizer que o sentido do desígnio ou intenção esteve diretamente relacionado aos anseios do seu idealizador, Pedro Ludovico Teixeira, que defendia vigorosamente a construção de uma nova capital para o estado de Goiás como forma de promover mudanças em todos os aspectos para o Estado. Constituiu-se, então, uma narrativa sob o argumento da mudança atrelado a um discurso de progresso, de desenvolvimento e de modernidade. Tal discurso encontrou no urbanismo e na arquitetura uma forma de se materializar e de se fazer representado. A nova imagem urbana, repleta de símbolos e de significados remetiam Goiânia a um novo tempo condizente com as mudanças advindas com a Revolução de 1930.

Destaca-se que neste processo, o papel dos símbolos adotados na construção da imagem e do imaginário de Goiânia. De acordo com Souza (2000, p. 136), “o símbolo é uma representação da realidade, a qual dá sentido às relações sociais, ou à vida societária”. Portanto, vincula-se diretamente ao imaginário social, uma das forças reguladoras da vida coletiva, podendo ser considerada uma peça efetiva e eficaz do exercício da autoridade e do poder. Desta forma, a arquitetura e o urbanismo, assim como as obras construídas neste contexto, são vistos como representações sociais, atuando no imaginário coletivo, seja de toda a sociedade ou de determinados grupos.

Neste entendimento, com base no relatório do Plano Diretor da nova capital, no que se refere ao simbolismo das imagens urbanas, apreende-se que o traçado urbano planejado pelo urbanista Attílio Correa Lima detém uma intencionalidade na disposição das avenidas, posicionadas como que irradiando do e para o centro administrativo, local de tomada de decisões do Estado, espaço simbólico do poder centralizador de Pedro Ludovico, numa perspectiva constantemente transsubstanciada, atribuindo, assim, uma fisionomia à Goiânia, como nova capital do estado de Goiás. Da mesma forma, a arquitetura inovadora dos primeiros edifícios, erguendo-se em meio ao vazio, incorpora a sua imagem o que lhe for pertinente em termos de conceitos como mentalidades, ideologia, valores e expectativas, dinamizando o imaginário urbano. Ademais, o imaginário urbano remete a um fenômeno mais amplo de representações sociais, pois remete a imagens estruturadas e operadas a partir de grupos sociais e de suas práticas, traduzindo, portanto, os desejos e as aspirações destes grupos.

O discurso que evocava a modernidade, cada vez mais proclamado, alegava que a cidade de Goiás, antiga capital do estado, fundada no contexto da ocupação colonial no território goiano, em 1727, apresentava, nos primeiros anos do século XX, uma série de problemas, sobretudo de ordem topográfica, de localização geográfica e de saneamento básico, que além de provocar o isolamento do centro administrativo de praticamente todo o centro-norte do estado, constituía-se num impedimento para o seu pleno desenvolvimento. Goiânia,

contudo, representaria o inverso e se constituiria num divisor de águas na história do estado de Goiás. Localizada na região de Campinas, cuidadosamente escolhida por uma comissão técnica, dotada de plenas condições para implantação de infraestrutura que permitisse seu crescimento em todos os aspectos, possuiria um centro administrativo, que representasse as ações ali desempenhadas, implantado num traçado urbano racional e funcional, além de uma arquitetura inovadora na região.

Este discurso, portanto, revelaria dois imaginários opostos, um imaginário referente a antiga capital do estado de Goiás, que expressava o passado e o atraso; outro referente à nova capital expressando um novo tempo de modernidade e de progresso. Percebe-se que esta dicotomia esteve presente em toda a narrativa fundamentando este discurso, conforme observa Oliveira (2004):

[...] se a cidade de Vila Boa era símbolo do passado, a nova capital do estado seria o símbolo do progresso, da mudança, a filha da ciência moderna. Não nasceria em torno de uma capela, como na maioria das cidades goianas, mas à volta de um centro administrativo; também não seria propriedade de algumas famílias, pertenceria ao mundo; não seria do interior, mas seria do centro (Oliveira, 2004, p. 151).

E nesta composição de fatores, a imprensa apropriou-se do discurso e articula-se como construtora de representações, atuando a serviço do poder que intenciona construir e apresentar a imagem da nova capital, alinhada à onda modernista, símbolo do progresso e do desenvolvimento do Estado.

Os jornais *Correio Oficial* e *Folha de Goiaz*, bem como a revista *Oeste*, foram utilizados por Pedro Ludovico Teixeira e pelo grupo que o apoiava para argumentarem em defesa da transferência da capital do estado de Goiás para uma nova cidade, a ser planejada e construída dentro dos conceitos mais modernos que se tinha na época da ciência urbanística. Estes periódicos foram selecionados nesta pesquisa por conterem em suas páginas matérias jornalísticas, relatórios, poesias, contos, crônicas, dentre outras produções literárias de natureza diversa sobre a fundação de Goiânia, além de atos oficiais do governo estadual e municipal. De acordo com a AGI (1980), o *Correio Oficial*, fundado em 1837 na cidade de Goiás, teve sua sede transferida para Goiânia em 1936, antes mesmo da fundação da cidade. Foi o principal veículo oficial do governo estadual para divulgação do ideal mudancista e da construção de Goiânia, sobretudo até o ano de 1944, quando teve seu nome alterado para *Diário Oficial*. Suas matérias visavam construir e transmitir a imagem da nova capital de Goiás vinculada ao ideário da modernidade amplamente propagado por seus idealizadores. O jornal *Folha de Goiaz*, fundado em Goiânia em 1939 por iniciativa particular, registrava o dia-a-dia da história de Goiânia e do Estado, exaltando sempre os aspectos positivos da fundação de Goiânia e fazendo uma forte propaganda sobre a vasta potencialidade econômica do estado de Goiás. A revista *Oeste*, de periodicidade mensal, fundada no dia do Batismo Cultural de Goiânia em 1942, tornou-se em 1943, órgão oficial do governo, que a instituiu com a finalidade principal de divulgar assuntos da cultura em geral. Assim,

a revista assume um perfil literário, destacando os valores intelectuais, artísticos e de informação regionais, tornando-se veículo sociocultural de Goiânia e instrumento multicultural de propaganda de Goiás, encerrando suas atividades em 1944.

A análise da imagem de Goiânia apresentada nos jornais e revistas do período em questão nos permite compreender como a imprensa percebeu a cidade e seu plano, e a partir desta percepção, o que revelou, enfatizou ou escondeu, e desta forma, como articulou o imaginário urbano. Desta forma, a imprensa, segundo Silva (2021, p. 125), se insere como “força ativa da vida moderna, atuando na construção de um modo de vida, por meio da exposição de representações presentes na literatura e na iconografia contida em suas publicações” e presentes nas matérias jornalísticas de cunho geral, participando, ainda, como agente na construção de uma memória, de uma cultura e consciência históricas.

De 1930 até o início de 1933, o Correio Oficial veiculava matérias exaltando a personalidade e a competência administrativa do interventor em Goiás, Pedro Ludovico Teixeira, além de notícias sobre os acontecimentos no estado de Goiás. Contudo, a partir de 1933, a análise demonstrou uma articulação da imprensa na propagação do discurso de modernidade com publicação de matérias versando sobre a defesa da transferência e da construção da capital do estado em um local estrategicamente escolhido. Em 24 de abril de 1933 é apresentado por Armando Augusto de Godoy à Pedro Ludovico, um relatório sobre a escolha do local para mudança da Capital. Este documento oficial referiu-se, pela primeira vez, à nova capital que se planejava construir como “cidade moderna”, apresentando a primeira imagem de Goiânia, antes mesmo da cidade existir. Este relatório minucioso, publicado por tópicos no jornal *Correio Oficial* durante os meses de novembro e dezembro de 1933, discorre sobre a mudança da capital e apresenta os principais argumentos favoráveis, relacionando-os aos aspectos diversos da vida urbana moderna do início do século XX.

[...] Hoje, graças à evolução social e à circunstância de ter a humanidade entrado francamente na fase industrial, a *cidade moderna* é um centro de trabalho, uma grande escola em que se podem educar, desenvolver e apurar os principais elementos do espírito e do físico do homem e uma fonte de energias, sem as quais os povos não progridem e não prosperam.

[...] A *cidade moderna*, quando se lhe proporcionam todos os elementos de vida e ao estabelecimento e à sua expansão se prende um plano racional, isto é, que obedece às determinações do urbanismo, é um centro de cultura, de ordem, de trabalho e de atividades bem coordenadas. Ela educa as massas populares, compõe-lhes e orienta-lhes as forças e os movimentos coletivos e desperta energias extraordinárias entre os que aí vivem e ficam sob a sua influência civilizadora. Onde se estabelece uma *cidade moderna* e bem aparelhada, surge a trindade econômica sobre que se baseia a atividade material, que é ao mesmo tempo industrial, bancária e comercial, valorizando a terra numa grande extensão evitando o êxodo das fortunas que nela se

formam, bem como a emigração de seus habitantes (Correio Oficial, 09 de dezembro de 1933, p.3, grifo nosso).

A partir de 1933, a imprensa se insere de forma mais enfática no processo de construção do imaginário urbano de Goiânia, com a publicação de inúmeras matérias jornalísticas, crônicas, poemas, além de outras manifestações literárias e populares, que argumentavam em favor da construção de Goiânia na perspectiva do projeto do Governo Vargas para a nação, sobretudo da Marcha para o Oeste, e por meio da propaganda, divulgavam os feitos de Pedro Ludovico, o progresso e o crescimento da nova capital, além de relatos de visitantes, nos primeiros anos de existência da cidade. A atuação da imprensa é corroborada pela afirmação de Chaveiro (2011) quando enuncia que,

é do modo de ser do indivíduo social a prática de falar e pensar sobre seu mundo, ajuizá-lo e tecer, formal ou informalmente, críticas e proposições aferentes ao que lhe é disposto à percepção”. (Chaveiro, 2011, p. 62)

Uma matéria publicada no Correio Oficial de 01 de janeiro de 1936, sob o título “Os primeiros dias de Goiânia”, procura destacar que a partir da fundação da nova capital, o estado de Goiás teria um outro destino no panorama nacional. Goiânia seria, então, capaz de integrar Goiás ao resto do país, sendo ao mesmo tempo, bandeira da pretensa modernidade.

[...] Nota-se em Goiânia uma mentalidade nova, identificada com esse movimento de inovação e de coragem pelo trabalho, de vontade de querer dessa energia realizadora de que o Brasil necessita para chegar ao lugar que lhe está reservado como uma das partes de maior futuro das três américas. [...] Goiaz é, agora, uma célula viva dentro da nacionalidade. [...] Goiânia é, a esse respeito, um exemplo gritante ou melhor, um hino de fé e de confiança nos destinos do povo goiano o qual veio, na nova metrópole, no ambiente sadio de patriotismo, de encorajamento pelas nossas causas, formar um verdadeiro núcleo de operosidade. (Correio Oficial, 1 de janeiro de 1936a, p. 1)

Em abril de 1936, o jornal *Correio Oficial* transfere sua sede da cidade de Goiás para Goiânia. Na primeira edição do jornal na nova sede, antes mesmo da transferência oficial da capital, ocorrida somente no ano seguinte, o jornal publica uma matéria denominada “Salve, Goiânia!” em que faz uma saudação à jovem capital que surgia. Cabe destacar que nesta matéria de 08 de abril de 1936, o jornal exalta Goiânia como uma bela cidade, predestinada para a grandeza e salvação do estado de Goiás, ao mesmo tempo em que assegura o papel e a importância de Vila Boa na história de Goiás ao declarar que ela possui em sua fisionomia as marcas do passado.

[...] Ela, como as demais, acima das outras, por isso que conserva na sua fisionomia os traços austeros de um marco inicial, será sempre a evocação de nosso passado. [...] Nestas linhas em que ora pomos todo um sentimento de brasilidade, saudamos a Capital menina, que nos rincões da nossa Pátria surge, evolui e cresce, radiante de belezas, de aspirações repleta. Goiânia, a cidade menina

que nos recebe, é como a esperança moça que nos abraça, impelindo-nos para os melhores dias de amanhã. Salve, Goiânia! (Correio Oficial, 08 de abril de 1936, p. 1)

Para Chaul (1999, p. 84), a esperança era um “outro ponto representativo dentro da ideologia e da mentalidade da época”, esperança naquilo que Goiânia poderia vir a ser, ao mesmo tempo que se enfatizava o que Goiás passou a simbolizar, o passado. Esta esperança, muitas vezes expressa por meio do ideário de progresso, pode ser concebida como uma imaginação capaz de projetar um real na direção ao futuro a ser conquistado. Goiânia constitui-se, desta forma, como um marco na história do Estado.

Conforme já exposto, os textos das matérias do *Correio Oficial* procuram, em sua maioria, salientar a personalidade ímpar de Pedro Ludovico Teixeira com seu determinismo e competência. Contudo, percebe-se também que procuram destacar os atributos de Goiânia, reforçando sua beleza, com uma linguagem, em geral, poética, ufanista, até mesmo utópica, sempre vinculando a imagem da nova capital com a modernidade, com o progresso e com o desenvolvimento do estado de Goiás, conforme a matéria “Goiânia”, publicada no Correio Oficial de 18 de abril de 1936 e na matéria “Goiânia é realidade”, de J. J. Guimarães Lima, publicada na edição do Correio Oficial de 01 de novembro de 1936.

[...] Goiânia, edificada nestas planícies magníficas, beijada pelo sol tropical, evocará para a eternidade o nome de Pedro Ludovico, a quem a posteridade há de fazer a devida justiça. (Correio Oficial, 18 de abril de 1936, p. 1)

[...] Os goianos devem, igualmente, erguer, em suas almas, um culto de homenagem a esses abnegados e patrióticos plantadores de Goiânia - síntese fulgurante do ideal de um grande povo. [...] As grandes obras devem ser cantadas pelos poetas que são sinceros e espontâneos. A verdadeira beleza é espontânea - salta como centelha. A ti, pois Goiânia, e ao são patriotismo dos teus beneméritos realizadores, as palavras do poeta que te versejou suave e comovente: Cidade do presente e do futuro. Prodígio de grandeza senhoril. Ensina-me a ser justo e a ser puro, Coração de Goiaz e do Brasil (Lima, 01 de novembro de 1936, p.1)

O texto de J. J. Guimarães Lima, denominado “O futuro da capital Goiana”, publicado no Correio Oficial de 01 de dezembro de 1936, explora o simbolismo do traçado urbanístico e dos prédios modernos da capital, bem como dos atributos físicos e da forma da cidade. Evoca a religiosidade, a espiritualidade e a subjetividade a fim de expressar sua simpatia pela cidade. Além disso, o texto exalta as virtudes do governador do estado de Goiás e do prefeito de Goiânia como forma de exaltar o futuro grandioso da cidade.

[...] Uma das maravilhas brasileiras é, sem dúvida alguma, a nova capital goiana. Situada numa linda região de clima ameno e quase espiritualizado, Goiânia é bela na paisagem, esplendida na luz do sol, gloriosa na força de suas belezas naturais.

[...] Cidade constituída sobre a cartolina, nas delineações do compasso e do esquadro, Goiânia tem a forma de cruz.

Até nisso o goiano é eminentemente espiritualista. Mas...a sua encantadora capital há de ter o mesmo destino da santa religião da cruz, símbolo do amor, da paciência, da caridade e do trabalho, convergem, simpaticamente assonantes, as leis sociológicas da ordem e progresso, que ainda quando o não sejam, devem ser a expressão única da justiça.

Com dois anos apenas, ela possui os seus belos palácios, as suas excelentes casas comerciais, o seu poético Lar Nacional, as suas sete mil almas...

[...] O governador Pedro Ludovico Teixeira teve a visão estupenda de entregar a sua cidade, que é um prodígio da imaginação, às mãos de um jovem e dinâmico prefeito: Dr. Venerando de Freitas Borges.

As águias, para estenderem seus longos voos, procuram os píncaros donde descortinem entre a terra e o céu o oceano transparente dos espaços; assim, parece que as grandes ideias, quando tentam a conquista do mundo, procuram a alma da mocidade, para dali, desferirem, entre o passado e o futuro, o voo da sua dominação (Lima, 01 de dezembro de 1936, p. 1).

Nas palavras de Venerando de Freitas Borges, primeiro prefeito de Goiânia, publicadas num artigo no Jornal Correio Oficial de 06 de abril de 1937, sob o título “Goiaz, Capital – Goiânia”, a nova capital é referenciada como Metrópole, a cidade que exerce influência econômica, social, cultural e administrativa sobre as demais cidades do Estado, enfatizando sua grandeza sob todos os aspectos, superando o propósito para o qual foi criada.

[...] Goiânia não é só a capital do Estado, na concepção política do vocábulo. Ela é também a *Metrópole* do Trabalho, a *Metrópole* da geração nova que vem se formando, que se vem condensando, que se vem plasmando sob o influxo de novas aspirações. É a *Metrópole* em que ambições pessoais se perdem na vastidão de seus horizontes, no azul puro do céu que cobre suas campinas. [...] Cidade do Sol, Goiânia esplende na luz do progresso e levanta para o alto o grito simbólico de suas construções. É a sentinela da arrancada cívica da atual geração goiana. É o monumento erguido para perpetuar a memória dos que construíram a epopeia de cimento e pedra do Brasil Central, dos que edificaram a obra maior dos tempos modernos (Borges, 06 de abril de 1937, p. 1, grifo nosso).

Observa-se, ainda, que ao apresentarem a imagem bela e moderna de Goiânia, os textos não medem esforços para ressaltar a figura de Pedro Ludovico como homem exemplar, determinado e patriótico em construir a nova capital para o estado de Goiás. As matérias projetam, ainda, um futuro brilhante para a capital e de seu estado, como uma realidade tangível, e concebem a cidade como símbolo do progresso, opondo-se à velha capital, símbolo do atraso. A antítese à antiga capital é implícita no discurso. Cada atributo dado à Goiânia, subliminarmente, suscita o oposto à Cidade de Goiás, conforme matéria do jornal *Folha de*

Goiáz de 15 de outubro de 1939, sob o título “Goiânia: cidade paradigma”, de Lauro Taveira.

[...] O interventor nomeado, saído vitorioso de lutas cruentas, ainda moço, dotado, entretanto, de excepcional visão administrativa, depois de meditar demoradamente a respeito dos altos destinos reservados pelo porvir ao mediterrâneo Estado, - concluíra que se tornara inadiável a transferência da sede governamental de sua terra natal. E, desajudado pela maioria, quasi insulado, à semelhança de Marco Aurélio, - filósofo e imperador - o próprio Interventor, em páginas magníficas de saber e de discernimento, doutrinou, e, ulteriormente, realizou o seu ideal soberbo: dotar Goiáz de uma capital moderna e majestosa. Ergue-se, hoje, sobre uma extensa planície - Goiânia - centro econômico e não geográfico de Goiáz, compreendida entre os rios Meia Ponte e dos Bois; os férteis vales desses tributários do Paranaíba tornaram, ali, um dos pontos mais populosos do Estado. [...]

Além dos suntuosos edifícios, notam-se, em Goiânia, em pleno funcionamento, prédios modernos e condignos. [...] A confiança de que, na atual sede do Governo de Goiáz, gozam os capitais imobilizados é mais que sentida - é palpada - em quaisquer ramos da atividade humana. Os terrenos destinados a edificações, cada dia mais vendíveis, se valorizam assustadoramente. (Taveira, p.1, 1939)

Algumas matérias, como a matéria denominada “Nossa visita à Goiânia” de 01 de janeiro de 1936 e a de 17 de novembro de 1936 do Correio Oficial, sob o título “Goiânia”, transcrita do Jornal São Gotardo do estado de Minas Gerais, buscavam, também, apresentar impressões de visitantes sobre a nova cidade, sempre sob o viés mudancista. Este recurso, de certa forma, poderia funcionar como chancela ao discurso de modernidade e apresentar a verdadeira essência do lugar, uma vez que não seria mais uma opinião daqueles que compartilhavam do mesmo grupo político ou social dos apoiadores da criação de Goiânia.

[...] Nós, que, ao passarmos pela ex-cidade de Campinas, hoje bairro de Goiânia, já havíamos admirado o rápido desenvolvimento que tomou aquele subúrbio da Capital, nos surpreendemos, e mais ainda, com o vertiginoso progresso das obras que se ultimam na encantadora esplanada, onde já se acha instalada a sede do Governo. Esplêndido e extasiante é o aspecto que se nos apresenta em Goiânia. Dir-se-ia que um milagre se operara na intérmina planície, de onde surgem os majestosos prédios e os suntuosos edifícios públicos destinados à alta administração. [...] Foi com olhos do espírito que enxergamos a metrópole menina, na sua garrelice, tanto mais encantadora, quanto mais digna de ser a radiosa Capital do nosso Estado. (Correio Oficial, 01 de janeiro de 1936b, p. 1)

Andam dizendo maravilhas da Nova Capital de Goiáz. Pessoa muito conceituada do nosso meio e que de lá voltou

recentemente, teceu-nos um entusiástico panegirico da urbe que já vem nascendo grande e magnífica. E diz mais da fina arquitetura dos prédios oficiais e particulares; do encanto e do bom gosto das vastas praças e avenidas; da animação que reina na nova Capital para onde afluem diariamente centenas de forasteiros em busca de um centro novo e promissor para a luta quotidiana; da sã democracia reinante, onde o Governador e sua exma. Família e Secretários, são encontradiços a cada momento nas ruas em palestras joviais, ombreando-se singelamente com a população (Correio Oficial, 17 de novembro de 1936, p. 1)

Uma publicação do Correio Oficial de 03 de dezembro de 1937, apresenta um depoimento do jornalista paulista Lineu Pacheco Braga ao visitar pela primeira vez Goiânia. Em seu depoimento, o jornalista declara sua curiosidade em conhecer a nova capital do “lendário Goiás” e refere-se à Goiânia como “Canaan Brasileira”, simbolicamente fazendo uma alusão à terra prometida ou terra da fartura. Braga ainda, cita com entusiasmo e admiração a paisagem do lugar criado pelo pensamento, a beleza e a grandiosidade das edificações e o desenho da cidade que se projeta para o futuro.

Goiânia! Quantas vezes esta palavra, que resume toda uma luta de um punhado de bravos, comandados por um dinâmico idealizador, contra uma multidão de incrédulos, soou aos meus ouvidos como um hino de esperança, sinfonia maravilhosa, de acordes mágicos, anunciadora da Canaan Brasileira.

[...] Bem venturoso me julgaria se, na pobreza do meu dicionário, encontrasse palavras suficientes para contar do contentamento que se me apoderou ao transpor o alto do Botafogo, onde toda capital se entrega ao olhar extasiado do visitante. Do conforto moderno do seu Grande Hotel. Da magnificência do seu Palácio da Esmeraldas. Da riqueza dos seus prédios públicos, da sobriedade elegante de seus edifícios particulares e, sobretudo da simetria admirável de seu traçado urbanístico, próprio para a Metrópole do Amanhã (Braga, 1937, p. 1).

O otimismo do discurso de modernidade utiliza-se do recurso metonímico, onde a parte define o todo. As imagens do núcleo pioneiro da cidade, com seu centro cívico administrativo de aparência inovadora e moderna e dos primeiros edifícios em estilo *Art Déco* constroem, consolidam e estabelecem o imaginário de cidade moderna como um todo, ao mesmo tempo que apresenta a representação de Goiânia como a cidade dos sonhos, ideal urbano perfeito, elevando o papel da nova capital como a cidade salvadora do estado, conforme indica o artigo “A metrópole do sertão”, publicado no Jornal Correio Oficial de 12 de julho de 1942.

[...] A construção de Goiânia deve ser, assim, interpretada como testemunho de que podemos confiar em nós próprios para realizar o nosso engrandecimento, pois um brasileiro acaba de mostrar que soube querer, com firmeza de vontade, lutar com tenaz energia e vencer com galharda superioridade de propósitos.

Por outro lado, ele não deu ao Brasil uma cidade qualquer. Edificou em pleno deserto uma aglomeração urbana com todos

os requisitos reclamados pela vida moderna: comodidades, facilidades, conforto, higiene, bem-estar, observando os princípios mais adiantados da arte urbanística, num cenário natural admiravelmente escolhido.

[...] A mais moça cidade do Brasil representa caracteristicamente um papel de suma relevância no próximo futuro tanto do Estado, quanto do país, pois que com ela e através dela é que se vai acelerar e completar a definitiva integração do maravilhoso planalto semi-despovoado, semi-desconhecido e mal aproveitado no domínio da realidade brasileira que estamos expandindo e consolidando. (Correio Oficial, 12 de julho de 1942, p. 3).

Goiânia é apresentada, ainda, como expressão do Brasil Novo do período pós-revolução de 1930. A Revista *Oeste*, na edição de julho de 1943, publica uma matéria de Paulo Augusto de Figueiredo denominada “Variações em torno de Goiânia”, que insere a nova capital do estado de Goiás num país em transformação e em transição, que estava se preparando para alcançar novos rumos políticos, econômicos e sociais, agora num país unificado.

(...) Goiânia é como que a própria expressão, em termos urbanísticos, do Brasil Novo, do Brasil que se redescobriu, do Brasil unificado num só corpo, num só espírito, do Brasil que coordenou todas as nossas forças, orientando-as para fins altos e nobres, do Brasil que se ergueu do berço esplêndido e começou, já a cavalgada da glória. (Figueiredo, 1943, p. 2)

Outro recurso eficaz para a construção do imaginário urbano de Goiânia observado foi o uso de propagandas. Os órgãos de controle das propagandas e de notícias arquitetaram toda a construção do discurso de modernidade da nova cidade visando legitimá-lo no imaginário popular. Neste contexto, os símbolos foram muito importantes para a produção das propagandas que divulgavam tanto os novos empreendimentos comerciais, como serviços e produtos, conforme ilustrado nas figuras 8 e 9.

Figura 8 - Propaganda-Grande Hotel **Figura 9 - Propaganda-venda de lotes**



Fonte: Jornal Correio Oficial
(19-02-1937)



Fonte: Manso (2001)

Na propaganda do primeiro hotel construído em Goiânia, o Grande Hotel, apresentada na figura 8, o autor faz uso da linguagem poética que explora os sentidos atribuindo um engrandecimento ao empreendimento e à própria cidade, por meio de termos como, “o melhor do gênero, admirável, magnífico, ciclópica, plenitude e imponente”. Ao explorar os sentidos e sentimentos, o autor evoca a produção de imagens e cria-se um imaginário do empreendimento, da cidade e até mesmo da região. A começar pelo nome do hotel, a propaganda sugere uma imagem de um hotel grande, tanto no seu sentido físico quanto em qualidade, proporcional à dimensão da cidade que iria recebê-lo. De uma maneira geral, o termo “grande” designa dimensões maiores que o usual ou maior do que os demais. As expressões “panorama admirável” e “horizontes magníficos” sugerem uma ambiguidade de significado, que tanto pode se referir ao panorama ou horizonte relativo à paisagem natural da região, como pode significar uma expectativa no futuro da jovem cidade.

A figura 9 ilustra um cartaz de propaganda de venda de lotes em Goiânia. O anúncio apelativo prometia um enriquecimento de 4 vezes mais ao comprador de lotes na nova capital, bem como facilidades no pagamento do mesmo. A propaganda fez uso das imagens emblemáticas dos novos e modernos prédios da capital, bem como plano urbanístico, como forma de criar o imaginário da cidade moderna de futuro promissor, onde se deveria investir.

Algumas edições dos jornais e revistas publicavam, ainda, além das matérias jornalísticas, outros textos literários em forma de poesias, poemas e crônicas. A edição do Correio Oficial de 16 de fevereiro de 1937 publicou um poema de autoria de Nelson Silveira Martins, denominado “Goiânia: O paraíso possível na terra”.

(...) “Goiânia é o oásis que dessedente e uma ilha encantada que repousa e deslumbra. Em seu seio experimenta-se o milagre de se retornar a infância, e ser de novo bons e simples, despreocupados e indiferentes, irmãos e iguais.

Goiânia, terra do futuro, reservatório de força, tu nos fizeste tornar ao passado e nos deste, a divina fraqueza da felicidade.

Goiânia!

Goiânia dos campos majestosos, cobertos por uma sempre ondulante verdura, com as árvores vestidas de verde, beijadas pelo sol e pelo vento, dos guaritás antigos, que nos contam a história bárbara da primeira alma bandeirante, que nos falam da raça ingênua do selvagem banido de sua pátria...

Goiânia dos maravilhosos crepúsculos acariciadores, macios, amadornantes como os coxins e tapetes custosos, sobre que felinamente preguiçavam, horas perdidas, as cortesãs de Alexandria e de Corinto.

Goiânia dos riachos, que são lágrimas da terra, lágrimas divinas, que nos mostram que ela também tem um coração que sofre. Na mansidão dos teus montes pachorrentos, escondidos na tua álaque solidão, bebendo as tuas águas que irromperam ardentes do coração da terra, como se fossem a própria seiva dos trópicos – o homem se identifica e se reconcilia outra vez com a natureza – com essa boa,

com essa grande, com essa embaladora terra do Brasil, de que Goiânia é um galardão e um símbolo, um apelo e um tentáculo.

Goiânia maravilhosa das noites lindas, pontilhada pelas limalhas de prata das estrelas; noites para se amar, porém com esse amor sublimemente infinito, que fundisse, almagamasse dentro do seu ritual profano, o corpo delineado de todas as mulheres bonitas.

Goiânia das serranias intérminas, que evocam as tristezas do nosso povo, que choram as mágoas da nossa gente, que revivem a epopeia dos primeiros povoadores, que vararam matas, ladearam rios, que treparam encostas, dormindo ao relento, ao rumor do vento agoureiro, nas cavernas de mata virgem, ao pio aflitivo dos pássaros noitívagos.

Goiânia dos montes que apontam para o infinito, cobertos pelo céu azul e sereno, bordados de estilhaços de ouro, das campinas lindas, banhadas no esplendor das auroras inebriantes e beijadas pela água marulhosa dos riachos beijados pelos raios prateados da lua.

Goiânia! Encantadora gravura colorida para fundo de presépio... Ou para tampa de caixa de brinquedos.

Goiânia, é a cidade
privilegiada por Deus,
tens D. Felicidade
morando nos braços teus!

Goiânia - esperança!

Goiânia - bondade!

Goiânia - poesia!" (Martins, 1937, p. 1)

O poema de Nelson Silveira Martins destaca-se por sua linguagem poética, romântica, ufanista e otimista quanto ao futuro. A paisagem natural é constantemente evocada e utilizada no texto, como que dando vida e sentimento à Goiânia. O texto explora subjetivamente os atributos físicos da cidade de pedra, que apesar de ser criada pelo pensamento e pelo desejo, é inserida estrategicamente no coração pulsante e pujante do estado de Goiás.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imprensa de Goiânia contribuiu fortemente para a construção do imaginário urbano da cidade e para a configuração do seu sentido, seja por meio da publicação de matérias jornalísticas de cunho político, técnico ou literário, seja por meio de propagandas. A análise dos jornais e revistas do estado de Goiás do período compreendido entre as décadas de 1930 a 1940 revelou que o poder público se utilizou deste meio para difundir o ideário de modernidade, de progresso e de desenvolvimento, visão esta que norteou todo o processo de criação da cidade.

A fundação de Goiânia ocorreu num contexto histórico de mudanças do início da década de 1930, em que o Brasil se preparava para tomar novos rumos em âmbitos diversos, sendo político, econômico, social, dentre outros. A perspectiva de uma nova vida e de um novo tempo, de novas propostas políticas e econômicas, a esperança de dias melhores, de ruptura com o passado, de sonho a ser conquistado, foram

ideologicamente disseminados pela Revolução de 1930 por meio do discurso oficial, institucional e jornalístico.

Partindo da afirmação de Bolle (2000, p. 75) de que o discurso é a expressão de sentimentos, mentalidades e consciência de classes, evidencia-se que, o uso do discurso apresenta-se como uma ferramenta valiosa na construção do imaginário coletivo. E no caso de Goiânia, por meio do primeiro relatório técnico sobre a escolha do local para implantação da nova capital do estado de Goiás elaborado por Armando Augusto de Godoy e por meio da arquitetura e do plano urbanístico elaborado por Attílio Corrêa Lima para a cidade, se construiu um imaginário de cidade moderna, mesmo antes da cidade existir.

As impressões significativas sobre a cidade de Goiânia estabeleceram e consolidaram a imagem de Goiânia em torno dos mesmos sentidos: a cidade moderna, construída no coração agrário do país, predestinada a impulsionar o desenvolvimento do estado de Goiás, até então, inócuo perante a nação. Desta forma, a nova capital emergiria no período pós-1930 como símbolo ou representação do Brasil jovem, do Brasil novo, despontaria como símbolo deste país que, olhando para o futuro próspero, negava um passado que se presumia atrasado, mas que encontrara o caminho para alcançar um outro patamar.

A magnitude arquitetônica e urbanística do plano de Goiânia, revelada na imagem da cidade, é lida, interpretada e decifrada por aqueles que a habitam ou a veem. Nesta leitura, manifestam-se as falas, os discursos, como os textos extraídos dos jornais e revistas de circulação apresentados neste artigo. A sequência das citações jornalísticas, repletas de romantismo e de subjetividade, feitas pela imprensa de Goiânia revela o tom apaixonado dos discursos quando falam da cidade nas suas duas primeiras décadas de existência.

Portanto, a pesquisa permitiu inferir que a carga simbólica reveste a forma física da cidade, por meio da configuração do traçado urbano adotado e da sua arquitetura. Para tanto, a elaboração do plano urbanístico teve que combinar os códigos da imagem e das intenções, expectativas, valores e desejos do autor com os signos do urbanismo, materializados no traçado da cidade. A criação da cidade efetivou-se, assim, como uma transposição de sentidos e de significados, num jogo simbólico, que construiu a imagem de Goiânia e estabeleceu o imaginário coletivo.

REFERÊNCIAS

AGI - ASSOCIAÇÃO GOIANA DE IMPRENSA. **Imprensa goiana: Depoimentos para sua História**. Goiânia: AGI, 1980.

ARTIGAS, V. **Caminhos da arquitetura**. 2ª edição. São Paulo - Fundação Vilanova Artigas: Pini, 1986.

BOLLE, W. **Fisiognomia da metrópole moderna: Representação da História em Walter Benjamin**. 2ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

BORGES, V. F. Goiaz, Capital – Goiânia. **Jornal Correio Oficial**, Goiânia, Ano LXXXI, Nº 3406, p. 1, 06 de abril de 1937.

BRAGA, L. P. Canaan Brasileira. **Jornal Correio Oficial**. Goiânia, Ano CI, Nº 3560, p. 1, 03.de dezembro de 1937.

CHAUL, N. F. **A construção de Goiânia e a transferência da capital**. 2ª edição. Goiânia: Ed. da UFG, 1999.

CHAVEIRO, E. F. Ver a cidade com o Prof. Scarlato: um passeio nas entrelinhas urbanas. *In*: COSTA, E. B.; OLIVEIRA, R. S. (Org.). **As cidades entre o real e o imaginário: estudos no Brasil**. 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

COELHO, G. N. **Guia dos bens imóveis tombados em Goiás – Goiânia**. Volume II. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

CORREIO OFICIAL. Relatório da mudança da capital, 1930-1932 (Atos Oficiais). **Jornal Correio Oficial**. Goiás, p. 2, 09 de dezembro de 1933.

CORREIO OFICIAL. Os primeiros dias de Goiânia. **Jornal Correio Oficial**. Goiás, Ano LXXX, Nº 3159, p. 1, 01 de janeiro de 1936^a.

CORREIO OFICIAL. Nossa visita à Goiânia. **Jornal Correio Oficial**. Goiás, Ano LXXX, Nº 3159, p. 1, 01 de janeiro de 1936^b.

CORREIO OFICIAL. Salve, Goiânia! **Jornal Correio Oficial**. Goiânia, Ano LXXX, Nº 3207, p. 1, 08 de abril de 1936.

CORREIO OFICIAL. Goiânia. **Jornal Correio Oficial**. Goiânia, Ano LXXX, Nº 3212, p. 1, 18 de abril de 1936.

CORREIO OFICIAL. Goiânia. **Jornal Correio Oficial**. Goiânia, Ano LXXXI, Nº 3324, p. 1, 17 de novembro de 1936.

CORREIO OFICIAL. A metrópole do sertão. **Jornal Correio Oficial**. Goiânia, Ano 105, Nº 4398, p.3, 12 de julho de 1942.

FIGUEIREDO, P. A de. Variações em torno de Goiânia. **Revista Oeste**. Goiânia. Ano II, Nº 6, p. 2, Julho de 1943.

GHISLENI, C. **O que é arquitetura Art Déco?** Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/971344/o-que-e-arquitetura-art-deco>. Acesso em: 16 de novembro de 2023.

GRAEFF, E. A. **1983 Goiânia: 50 anos**. Série: Oito vertentes e dois momentos da Síntese da Arquitetura Brasileira; Folheto 2. Brasília: MEC-SESU, 1985.

HOLZER, W. A geografia humanista: uma revisão. **Revista Espaço e Cultura**. UERJ/RJ, Edição Comemorativa, p. 137-147, 1993-2008.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Goiânia: Coletânea especialmente editada pelo IBGE como contribuição ao Batismo Cultural de Goiânia**. Rio de Janeiro: IBGE, 1942.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. 5ª edição, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, J. J. G. Goiânia é realidade. **Jornal Correio Oficial**. Goiânia, Ano LXXXI, Nº 3316, p. 1, 01 de novembro de 1936.

LIMA, J. J. G. O futuro da capital goiana. **Jornal Correio Oficial**. Goiânia, Ano LXXXI, Nº 3334, p. 1, 01 de dezembro de 1936.

MANSO, C. F. A. **Goiânia: Art Déco: acervo arquitetônico e urbanístico – dossiê de tombamento**. Goiânia: Instituto Casa Brasil de Cultura, 2010.

MANSO, C. F. A. **Goiânia: uma concepção urbana, moderna e contemporânea – um certo olhar**. Goiânia: Edição do Autor, 2001.

MARTINS, N. S. Goiânia: o paraíso possível na terra. **Jornal Correio Oficial**. Goiânia, Ano LXXXI, Nº 3386, p. 1, 16 de fevereiro de 1937.

MELLO, M. M. de. **Goiânia: Cidade de pedras e de palavras**. Goiânia: Ed. da UFG, 2006.

MOYSÉS, A. **Goiânia: metrópole não planejada**. Goiânia: Ed. da UCG, 2004.

OLIVEIRA, E. C. As imagens de Goiânia na literatura mudancista. In: CHAUL, N. F. e SILVA, L. S. D. (Org). **As cidades dos sonhos**. Goiânia: Ed. da UFG, 2004.

PESAVENTO, S. J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**. Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH, vol. 27, nº 53, p. 11-23, jan-jun, 2007.

RIBEIRO, M. E. J. **Goiânia: os planos, a cidade e o sistema de áreas verdes**. Goiânia: Ed. da UCG, 2004.

SILVA, V. C. P. Espaço e literatura na paisagem cultural: Referências francesas nas cidades de Goiás e Goiânia no início do século XX. **Revista da ANPEGE**. volume 16, nº 31, p. 360-376, 2020.

SILVA, A. C. C. I. **Em defesa de Goiânia: do projeto moderno à construção da goianidade nas imagens de Alois Feichtemberger (1933-1992)**, 2021. Tese (Doutorado em História). Faculdade de História – FH/UFG, Goiânia.

SOUZA, C. F. A Cidade-Jardim: entre o discurso e a imagem – Uma reflexão sobre o urbanismo de Porto Alegre. **Revista do Programa de**

Pós-Graduação em História. Porto Alegre: Anos 90, Volume 8, nº 14, 2000.

TAVEIRA, L. Goiânia – Cidade paradigma. Jornal Folha de Goiaz, Goiânia, Ano 1, nº 16. 15 de outubro de 1939.

Contato das autoras:

Autor: Sueli Souza de Oliveira Soares

E-mail: suelisoares@discente.ufg.br

Autor: Valéria Cristina Pereira da Silva

E-mail: valeria_silva@ufg.br

Manuscrito aprovado para publicação em: 28/06/2024